

As narrativas de mulheres sobre a formação da Região Extremo Oeste Catarinense

Silvio Antonio Colognese¹
Taíza Gabriela Zanatta Crestani²
Matias Trevisol³
Ana Paula da Silva Kopsel⁴
Fábio Franzosi⁵

Resumo: A historiografia do extremo oeste catarinense, a exemplo do que ocorre em diferentes regiões que compõem o território brasileiro, tem privilegiado tradicionalmente as narrativas produzidas pelo público masculino. Escassos são os estudos cuja preocupação central está na valorização do protagonismo das mulheres. A presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de resgatar as narrativas das mulheres sobre o processo de chegada aos respectivos municípios em que residem, bem como os seus olhares a respeito do desenvolvimento dos mesmos ao longo do tempo. Para tanto, foram efetuadas entrevistas individuais (de roteiro semiestruturado) com dez mulheres. Para salvaguardar as suas identidades, as participantes receberam os seguintes nomes fictícios: Lavanda, Tulipa, Lírio, Orquídea, Gardênia, Rosa, Santolina, Amarílis, Dália e Azaleia. Estas mulheres residem há mais de cinquenta anos no extremo oeste catarinense. O processo de coleta e apreciação dos dados seguiu as orientações do método História de Vida (HV). Como resultado, o item de apresentação e discussão de dados foi dividido em três títulos. São eles: a) “Eu quero que o Sul seja aberto para mim”: as influências sócio-históricas e culturais no

¹ Doutor em Sociologia (1996) e Mestre em Sociologia Rural (1991) pela UFRGS. Professor efetivo da Unioeste - Campus de Toledo PR. E-mail: silvio.colognese@unioeste.br.

² Mestre em Ciências Sociais pela Unioeste e Docente do curso de Psicologia da Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina – UNOESC, Campus de São Miguel do Oeste/SC e Pinhalzinho/SC. E-mail: Crestani.t@unoesc.edu.br.

³ Professor do Curso de Psicologia da UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de São Miguel do Oeste/SC. E-mail: matias.trevisol@unoesc.edu.br.

⁴ Graduanda do curso de Psicologia da UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de São Miguel do Oeste/SC. E-mail: anappaulakopsel@gmail.com.

⁵ Graduando do curso de Psicologia da UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de São Miguel do Oeste/SC. E-mail: fabiofranzosi@hotmail.com.

processo de compreensão do “ser mulher”; b) “A gente só trabalhava”: O labor como referência identitária na perspectiva de mulheres; e c) “A desobediência sai cara”: episódios de violência que contam a história das mulheres na região extremo oeste catarinense. De maneira geral, a realização desta pesquisa permitiu compreender que as narrativas das mulheres colocam em evidência os processos de submissão à figura do homem, os desafios enfrentados no processo de deslocamento (com destaque para a elaboração de perdas e o estabelecimento de novos vínculos), a relação visceral das mulheres com o trabalho e as implicações do discurso religioso no processo de compreender a feminilidade.

Palavras-chaves: Mulheres; Colonização; Extremo Oeste Catarinense; Desigualdade de gênero; Interdisciplinaridade.

Women's narratives about the formation of the Far West Region of Santa Catarina

Abstract: The historiography of the extreme west of Santa Catarina, like what occurs in different regions of Brazil, has traditionally privileged narratives produced by the male public. There are few studies whose central concern is valuing the protagonism of women. With this in mind, based on the delimitation of an interdisciplinary dialogue, the present research was developed with the objective of reconstructing the history of the aforementioned region through the reports of women who had the opportunity to follow the development of the municipalities. To this end, individual interviews (with a semi-structured script) were carried out with ten (10) participants, who received the following fictitious names: Lavanda, Tulipa, Lírio, Orquídea, Gardenia, Rosa, Santolina, Amarílis, Dália and Azaléia. These women have lived in the far-western territory for more than fifty years, so that their trajectories of existence merge with the development of the histories of their respective cities. Data analysis followed the guidelines of the Life History (HV) method, whose assumptions guided both the screening process and the structuring of the text. As a result, the presentation and discussion was systematized into three main titles. They are: a) “I want the south to be open to me”: the socio-historical and cultural influences in the process of understanding “being a woman”; b) “We only worked”: Work as an identity reference from the perspective of women; and c) “Disobedience get’s expensive”: episodes of violence that tell the story of women in the extreme west region of Santa Catarina. In general, carrying out this research allowed us to understand

that women's narratives highlight the processes of submission to the figure of men, the challenges faced in the process of displacement (with emphasis on the elaboration of losses and the establishment of new bonds), the visceral relationship between women and work and the implications of discourse in the process of understanding femininity. Finally, we highlight that this theme can contribute to an understanding of the complexities involving issues related to gender, identity and culture in the regional context.

Keywords: Women; Colonization; Far West of Santa Catarina; Gender inequality; Interdisciplinarity.

1 Introdução

A colonização da região extremo oeste catarinense, pelos chamados homens desbravadores, tem todas as luzes e todas as canetas voltadas para si. Isso significa que esta história (enquanto conceito e enquanto ramo do saber) foi essencialmente feita de homens e pelos homens. São escassas as produções sobre os processos de colonização que priorizam às contribuições das mulheres (Signori, 2018; Lane; Sawaia, 1995).

Neste universo, o entendimento das divisões do trabalho entre homens e mulheres é fundamental para a compreensão do desmerecimento da mulher como colonizadora. No Brasil, conforme Del Priore (2011), antes do século XXI o trabalho da mulher foi significado pela via do estigma e da estereotipia, aparecendo frequentemente alicerçado à uma suposta inclinação natural para o desenvolvimento de tarefas de auxiliar do esposo ou pai. De acordo com a historiadora:

Na família, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos modelos femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da “feminilidade”, como instinto materno, pureza, resignação e doçura” (Del Priore, 2011, p. 138).

Nesta direção, Neu *et.al* (2020) evidenciam que a violência contra a mulher é tida como um evento social, isto é, uma relação que foi sendo criada historicamente em relação aos papéis de homens e mulheres perante

a sociedade. A partir das relações de hierarquia e poder inerentes a lógica binária é que se desenha o caráter plural das agressões, as quais interferem significativamente no processo de formação do autoconceito e, conseqüente, na qualidade de vida das mulheres extremo-oestinas (Crestani; Giacomini; Mathiello, 2022).

Tendo isso em vista, a presente pesquisa foi desenvolvida com o propósito principal de resgatar e valorizar as narrativas das mulheres a respeito da colonização e o posterior desenvolvimento regional. Dito de outra forma, o principal objetivo deste estudo é contribuir para o fomento da reconstrução da história do extremo oeste catarinense através da perspectiva de mulheres. A relevância desta pesquisa tem dimensão interdisciplinar, na medida em que pode contribuir para o desenvolvimento de políticas, serviços e programas que considerem as especificidades e a diversidade das mulheres, que sofrem direta e indiretamente os efeitos do apagamento e da invisibilização histórica.

Em termos metodológicos, participaram desta pesquisa na qualidade de interlocutoras o total de dez mulheres. O roteiro de perguntas utilizado para a realização das entrevistas individuais foi elaborado a partir dos objetivos específicos definidos previamente para a pesquisa. São eles: a) Verificar se, ao versarem sobre as suas histórias de vida, as mulheres se reconhecem como protagonistas ou como coadjuvantes nos processos de sistematização dos espaços dos municípios onde residem; b) Compreender os processos de subjetivação de mulheres que residem no extremo oeste catarinense no que diz respeito à sua identidade de gênero; c) Refletir sobre as distintas formas de ocultamento da trajetória das mulheres no contexto da região extremo oeste do estado de Santa Catarina e suas implicações sócio históricas; d) Entender de que maneiras as mulheres que residem no extremo oeste catarinense percebem as interferências das transformações culturais e sociais (numa perspectiva cronológica) na compreensão de si mesmas (e vice-versa); e e) Refletir sobre os processos de desvalorização do papel das mulheres em diferentes âmbitos ao longo da história regional, e que podem estar relacionados a experiências de violência por elas vivenciadas.

Para a seleção das participantes, recorreu-se ao critério de conveniência apresentado por Minayo (2008), tendo em vista que a pesquisa não tem um compromisso com informações estatísticas e quantitativas – ou seja, não lida com a definição de amostragem probabilística, e se interessa mais pela singularidade dos casos e das experiências das pessoas com o tema que os pesquisadores se preocupam. Assim, foram contatadas

para fazer parte do estudo, mulheres dispostas a participar da pesquisa, as quais devido à proximidade com os pesquisadores colaboraram para o estudo voluntariamente.

O método escolhido para análise e construção do texto foi a História de Vida (HV). Conforme Nogueira *et.al* (2017), este método compreende a elaboração de uma biografia pessoal a partir das narrativas das pessoas sobre suas vivências e/ou relações com determinado tema. Assim, investe-se na escuta por meio de entrevistas, possibilitando aos pesquisadores um mergulho analítico para ampliar debates e reflexões. Isso explica o caráter descritivo na forma de construir o texto, que tem como pressuposto propiciar o encontro das narrativas dos participantes e o estilo de vida subjacente às mesmas, com o repertório de conhecimentos acadêmicos dos pesquisadores. As interpretações daí resultantes puderam auxiliar na compreensão dos elos entre o passado, o presente e o futuro lembrando que todo olhar que se volta ao passado, é sempre um novo olhar, conforme Peirano (1995) nos adverte.

2 Apresentação e discussão dos dados

2.1 “Eu quero que o Sul seja aberto para mim”: as influências sócio-históricas e culturais no processo de compreensão do “ser mulher”.

O sertão que caracterizava a região extremo oeste catarinense, entre as décadas de 1940 e 1950, tinha fama de pouco habitado por “gente de origem” (Renk, 2002), sendo composto de vegetação nativa e situado distante dos grandes centros metropolitanos. Azaleia e Amarílis se diferem das demais mulheres entrevistadas por terem nascido na região, há 89 e 84 anos, respectivamente. Azaleia recorda que tinha dez anos quando o município de São Miguel do Oeste foi emancipado, fato que ocorreu no ano de 1963. Em sua perspectiva, o local se resumia a uma vila com poucas residências e famílias. Amarílis, de maneira complementar, ressalta que seus pais chegaram na região solteiros; o casal estava entre as doze primeiras famílias de ascendência polonesa que vieram a residir no município de Descanso/SC. O deslocamento do Estado do Rio Grande do Sul para o extremo oeste catarinense durou doze dias de viagem.

Lavanda e Santolina, em seus turnos, chegaram à localidade quando vivenciavam o período da adolescência, por volta dos 16 anos. Isso aconteceu numa época em que os municípios onde residem atualmente, Descanso/SC e Guarujá do Sul/SC, ainda não haviam passado pelo processo de desmembramento. Ambas sinalizaram que vieram a contragosto. Contudo, a única possibilidade de permanecerem no Estado do Rio Grande do Sul seria mediante a consagração do matrimônio. Como os casamentos não ocorreram em tempo determinado, as entrevistadas se viram obrigadas a acompanhar os familiares, uma vez que estando solteiras, o pai era quem dava a última palavra sobre os seus destinos.

No relato de Lavanda sobre o percurso da viagem, é possível observar a ênfase dada à estação do ano: o inverno do ano de 1953. Neste sentido, ela enfatiza as suas mãos congeladas, que mal conseguiam limpar os sinais de choro. Em seus termos:

O caminhão tirava aquelas lascas de gelo para os lados da estrada. Eu tinha contado quantas pessoas tinha no caminhão porque veio outra família com nós, a gente era tão pobre que coube duas famílias no caminhão (Lavanda - Agosto de 2023).

No Estado do Rio Grande do Sul, apesar das dificuldades enfrentadas na segunda metade do Século XX, a agricultura familiar estava consolidada como base econômica. Já em terras catarinenses, a família permaneceu isolada durante os anos iniciais, o que potencializava o sentimento de solidão. A participante Lavanda citou ainda, por ocasião da realização da entrevista, que o ato da mudança representava, na perspectiva de seu pai, uma oportunidade de recomeço e uma forma de assegurar a sua prosperidade a longo prazo de geração para geração. Em função disso, o genitor procurou conhecer a região extremo oeste antes de trazer a família para a nova morada – fato este que se mostrou consoante no relato das demais mulheres que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

Assim, nota-se que a decisão de partir foi validada pela figura do patriarca. Nenhuma das participantes o fizeram por vontade própria. Isso evidencia como o desejo da mulher não era considerado pelos senhores das famílias na tomada de decisões, principalmente as que são consideradas imprescindíveis para a manutenção da estabilidade financeira.

De maneira complementar, Lavanda versou sobre as suas dúvidas e anseios diante das novidades que as empresas colonizadoras prometiam,

envolvendo as propostas de construção do que seria seu novo lar. Durante a viagem para Santa Catarina, a participante disse ao seu irmão:

[...] será que a vista para o sul é aberta? Eu quero morar em uma montanha, eu quero que o Sul esteja aberto pra mim (Lavanda - Agosto de 2023).

Este exercício de idealização, onde se tem a construção imagética do sul como um lugar que permite a extensão da vista, se aproxima das propagandas divulgadas pela campanha Marcha para o Oeste, onde se desenhava a imagem da região com as cores da Europa.

Para além disso, chama a atenção que, no contraste com a pequena Vila em que ela e a família residiam no Rio Grande do Sul, Lavanda manifesta necessidade pulsante de aproveitar o novo espaço para ampliar as dimensões do próprio campo visual. No traslado, faz-se importante destacar um acontecimento curioso que envolve o extravio do então denominado *panaro*, uma tábua de maneira comumente utilizada pelos descendentes de italianos para cortar a polenta. Este objeto de inestimável valor foi perdido num pequeno acidente com o caminhão utilizado pela sua família para chegar até o território que atualmente pertence à Barra Bonita/SC, mas que na época pertencia ao denominado Distrito de São Miguel do Oeste/SC.

A escassez de alimentos, o distanciamento entre as famílias recém-chegadas, as mudanças drásticas de convívio, a inacessibilidade de serviços de saúde, e o trabalho árduo e exaustivo marcaram profundamente a história das mulheres e suas famílias. Para se alimentarem, tiveram de racionar o que haviam conseguido trazer, e investir no plantio com o olho sempre atento aos movimentos diários do sol e às características de cada estação do ano. Gardênia, por exemplo, sinalizou que ela ingeriu somente café preto e polenta durante os primeiros três meses posteriores à chegada da família. Ainda sobre este tópico, a participante compartilhou com os pesquisadores, que a angústia maior se centrava no provimento de alimentos para a sua filha, com idade situada no período da primeira infância.

As participantes, em sua maioria, sinalizaram que vieram a conhecer a cor e a espessura do dinheiro depois dos dezoito anos, uma vez que o pai e/ou o marido eram quem detinham o controle das finanças, embora participassem ativamente de todas as atividades que o seu tempo permitisse. Santolina, a este respeito, sinalizou que a sua mãe ordenava que as filhas

ficassem uma semana trabalhando dentro de casa, e outra semana na lavoura, para que aprendessem a desenvolver tarefas diversas para quando casassem serem boas esposas.

Algumas famílias confiaram na aquisição de áreas de terra sem conhecer a região extremo oeste e, ao chegarem, perceberam que haviam sido enganados. Lírio evidenciou em seu relato que o marido e o sogro haviam comprado terras antes do deslocamento se efetivar por meio de um contrato, onde constava que elas seriam próximas à capela⁶.

Lírio compartilhou que não teve a chance de escolher com quem se casar. Seu pai foi quem a direcionou neste sentido e, em função disso, conheceu seu noivo apenas no dia do ato cerimonial. A família do noivo foi até sua casa acertar os detalhes do casamento com seus pais. Percebe nunca ter tomado uma decisão importante ao lembrar-se de seu passado. Todavia, voltando a atenção para o presente sinalizou que caso fosse mais jovem, casaria com o primeiro namorado, ao qual o pai proibiu o contato e ela nunca esqueceu.

A leitura que a entrevistada faz de si se explica pela forma como ela caracteriza a sua relação com o espaço (como se as condições ofertadas pelos costumes e valores da região fossem insuficientes para preencher os seus anseios). Inclusive, em diferentes momentos da entrevista, Lavanda destacou a vontade de sair do local em busca de outras oportunidades, a partir das quais pudesse desenvolver o seu protagonismo e, assim, sentir-se satisfeita.

De outra perspectiva, Amarílis - que se definiu ao longo das entrevistas como “solteira, sempre solteira” - nos trouxe as dificuldades enfrentadas no período de sua gestação. Comunicar a gravidez para os pais, sem ter um parceiro digno aos olhos de Deus foi “o fim do mundo”, vez

⁶Para promover a venda de terras em Santa Catarina, para os imigrantes italianos e alemães do Rio Grande do Sul, foram efetuadas campanhas de divulgação com pequenos recortes de jornais e fotografias. Visitas aos museus da região nos permitem constatar tal fato, onde as empresas colonizadoras veiculavam através de panfletos, imagens que colocavam as igrejas em destaque para enaltecer os melhores locais para fixar morada. Neste sentido, a Igreja Matriz de São José do Cedro foi fundada no ano de 1956, tendo o primeiro pároco se deslocado para o então distrito no ano de 1956 conforme informações inseridas no site do IBGE. Também em 1957, São José do Cedro foi desmembrado como município de Dionísio Cerqueira. O primeiro ato religioso institucionalizado na localidade, tal qual registrado pela historiografia, foi efetuado na casa de Antônio Jacoski, quando decidiu-se construir uma casa que serviria como capela e escola simultaneamente (Prefeitura Municipal de São José do Cedro, 2018).

que a reputação familiar poderia vir a ser questionada pelo ato de transgressão que ela protagonizara.

3.2 “A gente só trabalhava”: o labor como referência identitária na perspectiva de mulheres

O trabalho na roça e no ambiente doméstico eram as principais atividades desenvolvidas pelas mulheres que pertenciam às famílias colonizadoras. As possibilidades de serem vistas estavam reduzidas ao engajamento no trabalho - tanto que, ainda atualmente, um dos maiores elogios que se costuma vincular a imagem das mulheres envolve o enaltecimento de suas aptidões para servir aos outros.

Na infância, a separação do trabalho e do lazer entre meninas e meninos era evidente. As demandas tipicamente infantis, ligadas ao universo da ludicidade e da brincadeira, tinham data e hora marcada para acontecer: o dia era domingo, e o horário era após a conclusão da missa⁷.

As famílias guardavam os domingos e os dias santos festejados pela igreja católica. Basicamente estes eram os únicos dias em que as crianças de famílias diferentes se encontravam para interagir de maneira informal. Amarílis lembra que aprendeu a costurar ainda no período da infância. Ela recorda que nunca ganhou um brinquedo que viesse pronto, e teve de inventá-los com o uso de objetos representativos. Como exemplo: abóboras e espigas de milho eram enroladas em tecidos para simular um bebê.

Em decorrência do trabalho, as mulheres muitas vezes chegavam atrasadas para as aulas, sem contar os períodos de colheita, nos quais tinham que deixar a escola mais cedo para ajudar os pais na lavoura. Isto gerava incômodo, mas não ousavam demonstrar este sentimento devido ao medo de serem repreendidas. Gardênia explica, por sua vez, que aos sete anos começou a frequentar a escola e ganhou uma enxada de sua mãe, para que no contraturno trabalhasse na lavoura. Naquele ambiente, o trabalho era motivo de orgulho, mesa farta e sinal de prosperidade. Rosa (que

⁷ Da missa dominical, toda a família precisava participar. Para quem possuía carroça, se deslocava até a Igreja desta forma. O mesmo se procedia em relação aos bailes - que as mulheres, no período da adolescência, só podiam comparecer junto dos pais ou irmão mais velhos.

diferentemente das demais participantes não sabe ler e escrever o alfabeto) enalteceu que:

[...] todo mundo tinha que trabalhar! Eu sempre fazia tudo, sempre trabalhei na roça. Não tinha a escolha de não gostar, simplesmente tinha que fazer (Rosa - Agosto de 2023).

Em decorrência das relações de trabalho, construía-se uma hierarquização dos tipos de mulheres capazes de garantir o sucesso do homem. A este respeito, Tulipa resgata a trajetória de sua mãe, recorrendo a algumas expressões frequentemente utilizadas pelo seu respectivo sogro. Em suas palavras:

[...] Ôh mulher que o meu sogro sempre dizia que era de se admirar! Na época engordavam os suínos com lavagem de milho e abóbora, cozinhava para o meu pai e para os porcos [...] era que nem um homem na roça. Meu sogro sempre me dizia: seu pai se casou com uma mulher trabalhadeira, por isso ele se arrumou na vida, ficou rico, comprou terra para todos os filhos, a minha esposa era cabocla, não se interessava tanto” (Tulipa - Agosto de 2023).

Aqui, tem-se que o “modelo ideal” de mulher tinha uma cor específica (branca), um estilo de vida específico, marcado pela submissão, uma religião específica, cristã, e uma ascendência específica, europeia.

Cabe acrescentar que o preconceito e a discriminação étnico racial no extremo oeste de Santa Catarina dialogam estreitamente com o marcador social da diferença de classe. Pois, considerando a política de colonização do território regional, privilegiava-se a figura do imigrante europeu porque, enquanto proprietário estava mais inclinado a dar conta das exigências econômicas do capital. (Crestani; Colognese; Bavaresco, 2020). Isso nos auxilia a compreender como se deu o processo de consolidação de estereótipos sobre determinados grupos, e nos alerta para a urgência de combatê-los.

Por fim, salienta-se que as atividades desenvolvidas ao longo de muitos anos se configuram como uma lente através da qual as participantes atribuem significado para a sua condição. Há quem tente burlar as

orientações médicas, como é o caso de Orquídea, que sente falta de pegar numa enxada e que, quando está estressada, ainda calça suas botas e caminha aos arredores de sua residência.

3.3 “A desobediência sai cara”: episódios de violência que contam a história das mulheres na região extremo oeste catarinense.

As comunidades regionais foram organizadas, inicialmente, por uma religião com força de expressão majoritária, a qual estabeleceu o casamento como regra fundadora para o início de qualquer família. Sobre a configuração da dinâmica dos episódios de violência, Fani e Wolff (2022) destacam que em comunidades do interior da região oeste e extremo oeste de Santa Catarina, os valores tendem a fortalecer a imagem da família composta pelo homem, pela mulher e sua prole.

Algumas mulheres, como a mãe de Santolina, chegaram à região com suas famílias e se depararam com o contraste do local:

Minha mãe nem quis vir para cá, para essa propriedade, quis ficar na vila. Lá na vila tinha igreja e famílias morando. Eles vieram de uma região mais evoluída (Santolina - Agosto de 2023).

Notamos que no relato da participante aparece uma oposição entre os espaços mato x vila, colocando em destaque o poder exercido pela religião para o fortalecimento de um senso de coesão entre as famílias baseado na moralidade.

Eidt (2009), estende tais reflexões para pensar as interferências do discurso religioso na proposição de dispositivos e mecanismos de controle do corpo e da subjetividade das mulheres. Em outras pesquisas com enfoque na região (Crestani, Garlet 2019; Crestani, Jahn 2021) constatou-se que o conceito de pecado durante muito tempo foi utilizado como ponto de referência para legitimar a submissão feminina e a abdição dos interesses das mulheres em prol da vontade dos maridos. Não havia ultraje maior, nos anos 1950-1970, do que uma mulher divorciada.

Algumas das mulheres entrevistadas evidenciaram as situações de violência associadas ao consumo abusivo de álcool por parte dos homens. Este é o caso de Orquídea, Tulipa e Amarílis. A primeira salientou que quando o seu pai bebia costumava agredir fisicamente seus irmãos e a sua mãe. A segunda participante, por sua vez, acrescentou que por volta da década de 1960 conheceu algumas mulheres que sofriam violência:

[...] tinha uma mulher que o marido bebia, ela vinha dormir aqui embaixo da minha casa. Ela dizia que ele chegava em casa louco e queria matar ela. Ela foi se queixar para a polícia em Guaraciaba, mas vai fazer o quê? Voltou junto, não tinha o que fazer. O que é mais triste é a bebida. Meu marido também gostava de beber. Se não fosse a bebida, era outro mundo (Tulipa - Agosto de 2023).

Por fim, a terceira participante referenciada contextualizou o seu relato descrevendo que ela e sua irmã ficavam em estado de tensão quando passavam diante da bodega, estabelecimento onde os homens se juntavam para o consumo de bebidas alcoólicas, que ficava a caminho do hospital.

Todas essas narrativas evidenciam situações que culminaram no apagamento e desmerecimento do papel da mulher na região. Culturalmente a figura da mulher como submissa e do lar vem sendo desconstruída, mas ainda há um longo caminho. Muitas destas perspectivas seguem vivas, e não avaliam com bons olhos as mudanças:

[...] Minhas filhas não foram bem no casamento. Só uma continua casada. Essas mulheres de hoje são levianas. Não pode ser certo isso. As mulheres de hoje brigam por nada. Qualquer coisa separa. Antigamente dava briga, mas era tudo bonito. As mulheres hoje não querem aguentar nada. (Tulipa - Agosto de 2023).

Gardênia concorda com Tulipa:

As mulheres estão muito diferentes e não é bom, porque estão sozinhas, e criam os filhos sozinhas (Gardênia - Agosto de 2023).

Por fim, destaca-se que as novas legislações permitem vislumbrar mudanças, ao favorecer a formulação de diretrizes e promover políticas públicas no país, estado e municípios para assegurar os direitos das mulheres e potencializar o envolvimento destas nas atividades políticas, econômicas, sociais e culturais. Estudos como o presente, certamente contribuem ativamente para esfacelar estes condicionantes e esfarelar os ciclos de subjugação, invisibilidade e violência contra as mulheres.

4 Considerações finais

Através deste estudo foi possível lançar luzes sobre as formas de significação construídas por mulheres que residem na região há mais de cinquenta anos. Devido as características do método escolhido, a apresentação e discussão dos dados assumiu um caráter mais descritivo, de modo a valorizar os recortes de transcrição e suas narrativas.

Para o entendimento da colonização e do desenvolvimento regional, este estudo ressalta que as mulheres tiveram grandiosa contribuição – ao contrário do que, muitas vezes, o repertório dos museus e da literatura locais sugerem. Assim, investir em estudos deste caráter significa apostar na construção de diferentes ângulos que podem ser considerados para a (re)construção da história. Como recomendação para trabalhos futuros cita-se estudos sobre movimentos das mulheres camponesas e movimentos de associações de mulheres como formas de reconstruir histórias e trajetórias importantes para a construção da história regional.

Referências

CRESTANI, Taíza Gabriela Zanatta; COLOGNESE, Silvio Antonio; BAVARESCO, Paulo Ricardo. A construção do conceito de caboclo como demarcador social de inferioridade no sul do Brasil. **Tempo da ciência**, Toledo/PR, v. 27. n. 54, 2020. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/26647/16709>>. Acesso em 06/11/2023.

CRESTANI, Taíza Gabriela Zanatta; GIACOMIN, Roberta Passani; MATHIELLO, Emili Garlet. **O cotidiano da mulher agricultora que**

reside no extremo oeste catarinense e sua relação com a qualidade de vida. XVI SIEPE, 2022.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas:** Sexualidade e erotismo da história do Brasil. Editora Planeta, 2011. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/n00s8c>>. Acesso em 13/10/2023.

EIDT, Paulino. **Os sinos se dobram por Alfredo.** ARGOS Editora da Unochapecó, Chapecó, 2009.

FANI, Bruna; WOLFF, Emanuela. **Ideia de ‘faroeste’ ajuda a explicar por que região de SC lidera feminicídios.** ND Rádio, Florianópolis/SC, 2022. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/seguranca/ideia-de-faroeste-ajuda-a-explicar-por-que-regiao-de-sc-lidera-feminicidios-veja-dados/>>. Acesso em 07/11/2023.

GARLET, Márcia; CRESTANI, Taíza Gabriela Zanatta. **Os homens coniventes: violência contra a mulher a partir do conto “1922”.** Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, Campus de Pinhalzinho/SC, 2019.

JANH, Talia Barbieri; CRESTANI, Taíza Gabriela Zanatta. **“Mas ela deve ter feito alguma coisa para que isso acontecesse”:** a repercussão da violência conjugal na perspectiva de mulheres que vivenciam e/ou vivenciaram episódios de agressão. Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, Campus de Pinhalzinho/SC, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE cidades/São José do Cedro. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-jose-do-cedro/historico>>. Acesso em 06/11/2023.

LANE, Silvia T. Maurer; SAWAIA, Bader Burihan. **Novas veredas da psicologia social.** São Paulo, Basilliense: Educ, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. Editora Vozes, 27ª edição, Petrópolis/RJ, 2008.

MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO CEDRO. Prefeitura Municipal de São José do Cedro. História de São José do Cedro, 2013. Disponível em: <<https://saojosedocedro.atende.net/cidadao/pagina/apresentacao>>. Acesso em 06/11/2023.

MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DO OESTE. Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste. Câmara de vereadores, 2005. Disponível em:

<<https://www.camarasmo.sc.gov.br/imprensa/noticias/Noticias/486/0/1060>>. Acesso em 06/11/2023.

NEU, Karolina Ida Martins; BACKES, Claudia; SCATOLIN, Leticia; ZANIN, Sthefane Viviane Rodrigues Zanin; COSTA, Aline Bogoni; AOSANI, Tânia Regina. Violência contra a mulher e a cultura do machismo: Relato de uma atividade acadêmica em psicologia social. **Psicologia: Compreensão Teórica e Intervenção Prática**, 2020. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/violencia-contr-a-mulher-e-a-cultura-do-machismo-relato-de-uma-atividade-academica-em-psicologia-social>>. Acesso em 18/06/2023.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira Pimenta. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e práticas psicossociais**, vol.12, nº 2 São João del-Rei, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016>. Acesso em 06/06/2023.

PEIRANO, Marisa. A favor da etnografia. **Revista de antropologia**, Rio de Janeiro/RJ, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ra/a/gBDVS6tMGb3sLLSSPsvjmGR/>>. Acesso em 10/11/2023.

RENK, Arlene. Uns trabalham e outros lutam: Brasileiros e a luta na erva. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262661447_Uns_trabalham_e_outros_lutam_brasileiros_e_a_luta_na_erva>. Acesso em 06/11/2023.

SIGNORI, Andréia Aparecida. **As mulheres no processo de colonização do Oeste Catarinense**: Invisibilidade e resistência (1920/1960). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Chapecó, 2018. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2095/1/SIGNORI.pdf>>. Acesso em 24 de março de 2023.